



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII

CAMILA SOUSA NASCIMENTO

O USO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE
HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA OBRA “*QUARTO DE DESPEJO –
DIÁRIO DE UMA FAVELADA*” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Eunápolis - BA
2023

CAMILA SOUSA NASCIMENTO

O USO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE
HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA OBRA “*QUARTO DE DESPEJO –
DIÁRIO DE UMA FAVELADA*” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciatura em História, pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XVIII*.

Orientadora: Prof.^a Dra. Caroline de Araújo Lima.

Eunápolis - BA
2023

CAMILA SOUSA NASCIMENTO

O USO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA: UMA
ANÁLISE DA OBRA “*QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA*” DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XVIII* como
requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em _____ de _____ 2023

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Caroline de Araújo Lima – Orientadora
(Universidade do Estado da Bahia - UNEB)

Prof.^a Dra. Ivanice Teixeira Silva Ortiz
(Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Prof.^a. Ma. Paula Vielmo
(Instituto Federal da Bahia - IFBA)

À minha filha Rebeca que é e sempre será o motivo
que me impede de desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por ter me escolhido para estar aqui dentre milhões de espermatozoides (apesar de que se eu soubesse que seria tão difícil, eu teria dado oportunidade para outro).

Em segundo, agradeço a minha mãe por ser a mulher incrível que é, fonte de minha inspiração e por me aturar mesmo diante de todo o trabalho que lhe dei desde o ventre até o dia presente.

Aos meus tios Etevaldo e Vera Lúcia, meus primos Aline, Flávia, Olívia, Marcos, Luana (*in memoriam*), Paulo Henrique (*in memoriam*) e meus amigos Clemência, Mara Núbia e Ueslei que me ajudaram, apoiaram e incentivaram durante toda minha trajetória.

Às minhas melhores amigas Aline, Flávia e Jaqueline que me suportam e aconselham durante minhas crises existenciais, surtos e tentativas de abrir mão de tudo.

Agradeço as amizades que fiz durante esses quase 14 anos de UNEB que me ajudaram, apoiaram, surtaram ao meu lado, trabalharam comigo e me ajudaram a crescer e me tornar uma pessoa melhor a cada dia: Airton, Wemis, Gabriela, Ângelo Bento, Karoline, Aline, Calebe, Matheus Victor, José Jorge, Sávio, Abelino e Wilson.

Aos meus professores mais que queridos Francisco Cancela, Joceneide Cunha, Maria Sandra Gama, Sandra Regina Barbosa, Ivanice Ortiz e Caroline Lima. Obrigada por me ensinar não apenas História, mas a ser profissional da educação com amor e dedicação. Meu carinho, admiração e respeito por vocês ultrapassam os portões da universidade, vocês são inspiração para mim, como profissionais e como seres humanos.

Aos meus professores do Magistério que me ensinaram a ter amor pela História e me inspiraram a ser professora dessa disciplina: Kézia Merlo e Mauro Luiz de Souza. E em especial à Genilda Pires, minha professora da Alfabetização, que viu em mim um potencial desde meus 4 anos.

Um agradecimento especial ao meu psiquiatra Daniel Medeiros e minhas psicólogas Gabriela Gomes e Rebecca Leite por me ajudarem a não surtar de vez e acabar numa clínica psiquiátrica.

RESUMO

O Brasil é um país enorme onde a riqueza e a pobreza são vizinhas que se digladiam diariamente. Uma das maiores provas disso são as comunidades (anteriormente conhecidas como favelas), que é um espaço onde os ex-escravizados foram despejados após a abolição e é também o espaço onde nossa protagonista Carolina Maria de Jesus narra seu cotidiano narrando em seus diários a vida na favela do Canindé, onde ela era odiada pelos seus vizinhos por ser letrada demais e odiada pelos não favelados por ser uma favelada. Mãe, preta, poetisa e leitora eram suas qualidades que muitos, anos depois a admiraram. O foco desse trabalho é ressuscitar Carolina Maria em um projeto educacional voltado para jovens do Ensino Médio, fazendo-os refletir através da Literatura Periférica de Carolina Maria de Jesus, sobre a realidade dos anos 50 até os dias atuais. Se percebendo como Carolina Maria, seres históricos produtores de conhecimento e informações para as futuras gerações.

Palavras-chaves: Literatura marginal; História; Periferia; Literatura feminina; Negritude.

ABSTRACT

Brazil is a huge country where wealth and poverty are neighbors that clash daily. One of the greatest proofs of this are the communities (formerly known as favelas), which is a space where former slaves were evicted after abolition and is also the space where our protagonist Carolina Maria de Jesus narrates her daily life, narrating in her diaries the life in Canindé favela, where she was hated by her neighbors for being too literate and hated by non-favela residents for being a favelada. Mother, black, poet and reader were her qualities that many, years later, admired her. The focus of this work is to resurrect Carolina Maria in an educational project aimed at high school youth, making them reflect. through *Peripheral Literature* by Carolina Maria de Jesus, about the reality from the 50s to the present day. Perceiving themselves as Carolina Maria, historical beings who produce knowledge and information for future generations.

Keywords: Marginal literature; History; Periphery; Female literature; Blackness.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	Erro! Indicador não definido.
1 INTRODUÇÃO	8
2 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA AFRO BRASILEIRA NA SOCIEDADE	10
3 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA	144
4 QUARTO DE DESPEJO E A INFLUÊNCIA DA MULHER NEGRA	188
4.1 Quem é Carolina Maria de Jesus.....	19
4.2 Dissecando o “Diário de Uma Favelada”.....	20
5 LITERATURA E HISTÓRIA NA PRÁTICA: O PROJETO EDUCACIONAL	22
5.1 Apresentação do Tema.....	22
5.2 Objetivos.....	22
OBJETIVO GERAL.....	22
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	23
5.3 Problematização.....	23
5.4 Referencial Teórico.....	24
5.5 Método.....	27
5.6 Cronograma.....	27
5.7 Recursos.....	28
5.8 Avaliação.....	288
5.9 Referências.....	288
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7 REFERÊNCIAS	31
7.1 Fonte.....	31
7.2 Referencial Teórico.....	31

1 INTRODUÇÃO

Aprendi a ler por volta dos 2 ou 3 anos, palavras curtas que via pela estrada Itabela x Monte Pascoal cujo minha mãe enfrentava todos os dias para trabalhar na escola da cidade. Eu a acompanhava e nesse período eu lia os letreiros dos postos de gasolina, placas de sinalização e letreiros indicando restaurantes mais próximos. A leitura faz parte de minha vida desde sempre e por essa paixão as palavras entrei na escola aos 4 anos sabendo ler e na alfabetização eu ajudava a professora a tomar leitura dos meus coleguinhas. Acredito que nesse momento, vendo minha mãe professora, ajudando a minha professora Genilda percebi que ali estava meu destino: ser professora. E me tornei, me formei em Magistério em 2003, entrei na UNEB em 2009 no curso que depois de grandes lutas concluo 14 anos depois. Nesse meio tempo, fiz outra licenciatura (Pedagogia) e duas pós graduações que confirmam o meu sonho em ser uma excelente profissional da educação.

E através de minha experiência de vida, percebo que desde o momento em que a criança aprende a falar, ela entende o poder das palavras. Quando essa mesma criança aprende a ler e escrever ela percebe o poder que pode ter em suas mãos. Ela passa a escrever a sua própria história e assim se tornar parte de um plano maior no cosmo que é o universo literário. A leitura se faz presente em todos os passos de nossas vidas, independente se sabemos ler ou não, há sempre alguém ao nosso lado que nos auxilia a ler e conseqüentemente interpretar o que está ao nosso redor e isso é como lemos o mundo.

A Literatura é uma das formas de praticarmos essa leitura, tendo em nossas mãos um mundo imaginário, do passado, do presente e do futuro e, o que é o caso do livro que trabalharemos nesse artigo, um passado que ainda se faz presente na vida de muitos que sabemos que existem, mas fingimos não saber.

Tendo como nosso objeto de estudo a obra "*Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*", visto como Literatura Marginal, que apresenta-nos a realidade da vida periférica no espaço que, à época, era chamado de favela. Mais especificamente a Favela do Canindé na cidade de São Paulo. Carolina Maria de Jesus em seus diários escritos ente 1955 à 1958 e foram publicados em 1960, nos relata seu cotidiano e de seus iguais, fazendo-nos refletir sobre nossa própria realidade nos bairros periféricos de nossas cidades, aqui citamos Itabela - BA e seus

bairros Pereirão, Dapezão, Ubirajara Brito e Jaqueira onde há escassez de saneamento básico, população à margem da sociedade, morando em casas humildes ao extremo e até em casas de lona (caso do recente bairro Ventania).

O Projeto Educacional que foi apresentado trás à tona uma reflexão além da sala de aula, fazendo os estudantes perceber que História não é somente o livro didático da disciplina de história, mas principalmente as histórias das pessoas comuns que construíram suas próprias histórias e não somente as que estão nos museus ou nos livros como os grandes personagens de um passado distante deles. Ao estudarmos os diários de Carolina Maria trazemos para o presente o que ela viveu e os jovens leitores podem perceber na história de Carolina Maria as suas realidades.

De acordo com Ana Lúcia Santos e Alexandre Timbane (2022) é papel da escola promover a transformação social em seus educandos sem nenhum tipo de preconceito, entretanto há aqui uma desvalorização tanto nos profissionais da Educação quanto na infraestrutura escolar que faz com que há um déficit nessa educação transformadora. É preciso, portanto um interesse do docente em buscar trazer para a sala de aula novos caminhos e interesses para seus estudantes. É por esse meio a literatura adentra as aulas de História. Michel de Certeau (2012) aproxima história e literatura afirmando que “[...] é possível considerara historiografia como uma mistura de ciência e ficção, ou como um lugar que se reintroduz o tempo”. Mas ao contrario de algumas outras muitas obras literárias que podem ser usadas como fontes históricas, *Quarto de Despejo: O Diário de uma Favelada* é real, é o relato de uma mulher que viveu e narrou seu cotidiano em um período não muito distante do nosso.

2 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA AFRO BRASILEIRA NA SOCIEDADE

As diversas etnias africanas que vieram para América Portuguesa como escravizadas acrescentaram uma riqueza de cultura e valores sociais à sociedade daquele período que perpetuam até os dias atuais. Ao utilizarem símbolos e ritos ancestrais, fez com que suas culturas fossem vistas de forma integrada, ou seja, há sempre uma interligação entre as manifestações artísticas, folclóricas, rítmicas e, principalmente religiosas para dar sentido aos diversos eventos presentes na sociedade africana e afrodescendente.

Cláudia Mortari (2015) define a diáspora africana como a imigração forçada com violência e exploração da população de diversas partes do continente africano trazidas para as Américas. Através desse traslado e relações com o “outro”, havendo uma troca de conhecimentos e ressignificação indenitária, muitas manifestações culturais das etnias dispersadas foram espalhadas pelo mundo. Com os africanos, seguiu as diversas culturas, presente na identidade étnica dos povos em quase todas as suas expressões. Além disso, a arte, o idioma, as lendas, o folclore, e, principalmente a música que insere os ritmos e as danças, bem como os festejos foram fortes elementos que influenciaram povos de todo o mundo, principalmente o brasileiro.

De acordo com Yeda Castro (2006), a cultura brasileira é uma herança social provinda, em grande parte dos africanos, apesar dos outros povos (indígenas e europeus) deixarem vestígios evidentes de suas vivências sociais, religiosas e culturais. Porém, os africanos trouxeram a cultura enraizada através de sua trajetória pelo Brasil e em sua história carregada de sofrimentos e preconceitos que se perpetuam até os dias atuais. Dentre os países que foram habitados pelos escravizados africanos, o Brasil foi o que mais se adequou aos seus costumes e à sua cultura, pois, por muito tempo, o negro foi e ainda é a maior população que ocupa as terras brasileiras. Para Martha Abreu e Hebe Mattos (2008),

“não se trata de dividir a sociedade brasileira em grupos culturalmente fechados, mas de educar com vistas a estimular a convivência entre tradições e práticas culturais diferenciadas presentes na sociedade brasileira, educar para a tolerância e o respeito às diversidades, sejam elas culturais, linguísticas, étnico raciais, regionais ou religiosas.” (ABREU, MATTOS, 2008, p. 8)

Ressaltamos que a diversidade cultural brasileira se construiu durante sua colonização, na qual os portugueses encontraram sua principal fonte de trabalho

nos negros escravizados que foram trazidos para o Brasil juntamente com suas esperanças, planos, o seu patrimônio cultural. Segundo Luiza Helena Batista e Simone Aparecida Carvalho (2009) os africanos escravizados e trazidos para as Américas trouxeram em suas veias o sangue de um povo que orgulha não somente as pessoas que são definidas como descendentes afro-brasileiros, mas a todos os que vivem neste país. Tradições, costumes, linguagem e mais uma infinidade de produções artísticas foram enraizadas de forma concreta através das gerações.

No entanto, nos bancos escolares, a história do negro no Brasil constantemente é trabalhada de forma perjurativa e trata apenas do período da escravidão e os horrores do caminho percorrido, mencionando exclusivamente nas comemorações da Semana da Consciência Negra superficialmente a riqueza cultural deixada pela população africana e afrodescendente. A cultura e a forma de vida em geral dos indivíduos, possuem uma função essencial na transformação e no desenvolvimento das estruturas sociais. O cotidiano em uma sociedade organizada é capaz de influenciar a convivência das pessoas através das representações culturais. Portanto, ao analisar a cultura de qualquer sociedade, é necessário descobrir suas crenças, valores, mitos, tabus, histórias, gestos e artefatos que os levam ao objetivo global da organização.

As Leis Federais 10.639/03¹ e 11.645/08² ambas sancionadas pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, tornando obrigatórios os estudos das História e Culturas afro-brasileiras e indígenas nas unidades educacionais do país, seja em espaços públicos e particulares reforçam uma realidade vista há anos nos bancos escolares brasileiros: o apagamento das histórias dos vencidos. Entretanto com as leis, essas histórias são trazidas à tona e fazem parte dos projetos escolares de muitas instituições, mesmo que, em alguns casos, de forma precária, apenas em datas comemorativas, mas estão sendo rompidas as barreiras que trazem o preconceito de nossa Historiografia Negra escondida por tantas décadas.

Segundo Thaís Aparecida Silva (2001), na sociedade primitiva, a cultura tinha o propósito de apresentar os diferentes estilos de vida de determinados grupos de pessoas. Atualmente, considera-se que a cultura na sociedade varia de

¹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em 28 jun. 2023.

² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 28 jun.2023.

acordo com o estágio de desenvolvimento das estruturas, suas condições externas e internas, não sendo algo estático e permanente imposto sobre as situações, mas que sofre alterações e desenvolve-se durante o curso das interações sociais. A cultura de um país é formada pelos hábitos e costumes de cada um dos seus habitantes ao longo do tempo, podendo identificar uma raça ou uma nação. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social.

Neste contexto, a África caracteriza-se por possuir uma complexa variedade cultural que está encravada em muitos países que integram esse Continente. Junto com a cultura, os valores sociais africanos também são vastos em sua diversidade, variando desde o patriarcado extremo até o matriarcado extremo, algumas vezes em etnias vizinhas. Por outro lado, a cultura africana moderna é em grande parte constituída de respostas ao nacionalismo árabe e ao imperialismo europeu. No entanto, essa diversidade não impede que a cultura tradicional africana deixe de lado virtudes como a tolerância, a hospitalidade, a paciência, e a capacidade de aceitar e colaborar com os demais.

A cultura afro-brasileira é a herança deixada pelos africanos quando vieram para o Brasil. Essa cultura muito importante para a formação da identidade nacional, estão presente nas diversas manifestações advindas dos costumes de um povo que, ao longo de três séculos foram escravizados e sofreram as piores barbáries que se tem conhecimento na história do Brasil. Yeda Castro (2006) salienta que levando em conta que a cultura é o sistema de ideias, modos de ser, agir, falar etc. produzido por uma sociedade, representado de forma específica por um país e que sua função principal é a formação da identidade de um povo, conclui-se que a presença do africano é a matriz mais importante na construção do perfil de nacionalidade brasileira.

Devido à ancestralidade de seus povos indígenas e a grande influência de imigrantes europeus, principalmente de Portugal, Castro (2006) destaca que o Brasil é considerado uma nação miscigenada, porém a maior contribuição no processo de construção da população brasileira vem dos africanos e de seus descendentes no Brasil. As raízes africanas que se fincaram no Brasil estão presentes, principalmente na cultura do povo brasileiro. Mesmo não pertencendo aos mesmos grupos étnicos, os povos da África vindos para o Brasil, vivendo sob a condição desumana que lhes foi imposta, se agarraram as suas origens, deixando aos seus descendentes apenas

a carga cultural que traziam na memória, no bater dos tambores, na comida, nas crenças, misturando essa carga cultural com a cultura indígena e européia criando assim a cultura brasileira.

Ao abordar um estudo sobre a influência da cultura africana no Brasil, constatou-se inicialmente o pouco dado a um povo que tem independente da cor da pele, suas raízes na África. Há um equívoco quando se comparam raças com etnias, normalmente qualificando o africano como negro/preto, colocando sua cor de pele acima do grande legado cultural que este trouxe para o Brasil, esquecendo que cada povo trazido forçadamente trazendo sua carga cultural junto de si, não vieram todos da mesma região.

Os povos africanos que eram trazidos para o Brasil tiveram uma imensa relevância na formação da cultura e do povo brasileiro. A riqueza e a diversidade cultural do Brasil estão intimamente ligadas ao povo africano. Apesar do controle europeu através de portugueses, italianos, espanhóis e holandeses, a cultura brasileira encontra nas raízes africanas um patrimônio cultural que está presente até os dias atuais.

No entanto, a identificação com a África nem sempre é assumida com orgulho pela maioria dos brasileiros e, neste sentido, a eloquência do mito da democracia racial no Brasil no ideal de branqueamento, sustentado pela mestiçagem, influencia nos contornos na identidade coletiva dos brasileiros descendentes da África induzindo-os aos refúgios simbólicos dos mitos e heróis nacionais, os quais, não os representam.

3 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA

A literatura é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. A literatura tem o poder de desencadear no leitor a curiosidade, o interesse para aprender e fazer relação do que lê com o seu meio social, sendo assim, ela proporciona diversas formas de aprendizagem, além de desenvolver autonomia, interação, imaginação, comunicação, entre outros benefícios que a leitura pode trazer, tanto para o meio social quanto para o meio escolar que além de educar, diverte, ensina e forma o jovem para conviver em sociedade por meio de atividades lúdicas, prazerosas que são extraídas direto dos livros de literatura.

João Pedro Rocha (2019) aponta a relação ente história, literatura e ensino trazendo a literatura como fonte historiográfica e análise da micro-história como prática de ensino. Desde os Annales essas ações são discutidas e postas em prática em determinados momentos educacionais, mas aqui destacamos o desenvolvimento de um projeto para a turma de 3º Ano do Ensino Médio, focando a faixa etária dos estudantes que estão em processo de construção social e essa análise crítica pode auxiliá-los a responder questionamentos trazidos pela sociedade a qual eles estão inseridos.

Desta forma é preciso ser a inovação, despertar no estudante a ação de aprender, tirá-lo o da inércia do ser passivo, de mero espectador e assim, conduzi-lo a um processo pelo qual se torne protagonista da aprendizagem, que desenvolva a criticidade e contribua para a sua formação integral.

Trazendo à sala de aula obras literárias africanas e afro-brasileiras discutimos os valores e importância da literatura não eurocêntrica, havendo o compromisso de construir em nossos jovens conhecimento crítico-reflexivo, colocando-os diante de autores que, em razão do preconceito, discriminação e racismo por muito tempo foram silenciados ou que tiveram sua notoriedade reconhecida por pouco espaço de tempo, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, cuja obra de maior destaque é objeto de estudo do presente trabalho.

De acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)

É necessária a inclusão da discussão de questão racial, como parte integrante da matriz curricular tanto dos cursos da licenciatura para a educação infantil, aos anos iniciais e finais da educação fundamental,

educação média, educação de jovens e adultos, como processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no ensino superior. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004, p. 23)

Portanto, as questões de cunho educacional referente as Histórias e Culturas Afro-brasileiras perpassam todas as camadas do ensino sendo responsabilidade do docente fazer cumprir esse papel de intermediário do conhecimento para seus discentes, sejam eles graduandos ou crianças em idade pré-escolar.

A literatura afro-brasileira é uma ótima fonte e porta de entrada para essa educação continuada, desde os grandes autores do século XIX como Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa e Machado de Assis; Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus do século XX; até os contemporâneos como Conceição Evaristo, Itamar Vieira Júnior e Leandro Roque de Oliveira (Emicida), sem contar outros autores e autoras que aqui não foram citados. Fazendo fluir entre os campos de todas as idades tendo como representatividade livros leves como o livro infantil “Amoras” do Emicida até livros mais densos como “Olhos D’Água”, “Clara dos Anjos” e o livro de nossa análise: “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”. O docente pode fazer uso de materiais diversos para incentivar e trazer não só conhecimento, mas também reflexão do ser Afro no Brasil além da escravidão que tanto se insiste nos livros didáticos.

A literatura é utilizada pelas comunidades afro-brasileiras como resistência, expondo à sociedade que a lê, as experiências de vida desses homens e mulheres, crianças e jovens que em sua maioria estão à margem da sociedade pois, como sabemos, o racismo e a exclusão social os tornam seres marginalizados. Para Fernanda Miranda (2011) essa literatura une tradições, construindo uma autoimagem negra que interfere nessa hierarquia preconceituosa, elitista e estereotipada.

Para o docente de História, há certa resistência em se aplicar o uso da Literatura, inclusive nos bancos acadêmico há poucos estudos sobre o tema. Em sua grande maioria os estudos são das licenciaturas de LETRAS, Artes e Pedagogia. Pouco se fala de literatura, em especial a literatura afro-brasileira na licenciatura em História, o que é um equívoco, pois não há como falar de literatura sem aplicar o contexto histórico, sendo assim também papel do professor de História contextualizar a literatura em seu campo historiográfico, formando cidadãos críticos e conscientes para a sociedade além dos muros escolares.

Apresentando a literatura aos discentes possibilitamos a eles um aprofundamento em nossas raízes históricas e culturais, expressando opiniões, reflexões e a busca pela resistência contra o preconceito e racismo tão enraizado na sociedade brasileira. Estudando textos que trazem a realidade negra faz uma aproximação pessoal de cada indivíduo, em especial aquela criança ou adolescente que ainda não se identifica como negro por conta do preconceito social.

Flávia Eloisa Caimi (2015) nos apresenta caminhos e possibilidades do Ser Professor nos dias atuais, ela nos remete à reflexão do saber e fazer histórico que precisamos despertar em nossos discentes e como eles podem ser inseridos no contexto educacional. O objetivo principal do docente de História, como sugere a autora, é

[...] auxiliar os jovens a compreender que os acontecimentos do passado são interpretados, invariavelmente, no contexto de uma complexa rede de relações causais e motivacionais; contribuir para o desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes, de modo que se apropriem de esquemas mentais de ordenamento temporal que lhes permita operar com relações de causa-efeito, multicausalidade, mudanças e continuidades, dentre outros; identificar, de modo significativo, as relações entre as experiências atuais dos jovens e as de outros sujeitos em tempos, lugares e culturas diversas das suas; adotar estratégias que possibilitem transformar os acontecimentos contemporâneos e aqueles do passado em problemas históricos a serem estudados e investigados [...] (CAIMI, 2015. p.120)

O professor tem o papel de auxiliar os discentes a serem seres críticos de seu contexto social e histórico, podendo transformar seu futuro de acordo a sua própria determinação.

No presente trabalho focaremos no gênero da Autobiografia, especialmente a feminina e negra com a obra de estreia de Carolina Maria de Jesus, obra esta que foi a porta de entrada para o gênero que posteriormente é conhecido como Literatura de Periferia ou Literatura Marginal, pois foi através de seus escritos que Carolina Maria apresenta ao Brasil e ao mundo a vida do povo favelado (atualmente o termo “favela” foi substituído por comunidade periférica) residentes no espaço que a autora chama de quarto de despejo, onde a sociedade joga o que não lhes servem mais.

Hellen Gandin e Ana Paula Porto (2021) apontam a importância dos espaços literários de empoderamento e resistência gerados pela mulher negra, autora e militante, como Paulina Chiziane e Bell Hooks, que batem de frente com a dominação masculina inclusive de autores homens que narram histórias com protagonismo feminino, quebrando uma paradigma e apoiando outras mulheres. A produção dos discursos dessas autoras e aqui incluímos Carolina Maria de Jesus,

trazem uma formação de discursos, reflexões e discussões sociais que contribuem para a representatividade literária.

O Movimento Negro tem grande papel na disseminação da cultura e literatura afro-brasileira e precisamos discutir com nossos jovens a importância do Movimento não só para a população negra, mas a toda sociedade para que se extingue de vez o medo que temos de nos identificarmos como afrodescendentes, pois somos alvos e o risco de morte não está apenas no apagamento da nossa história, mas também está no apagamento de nossas vidas e a luta por ela é de suma importância para os que virão de nossa descendência, como viemos de nossos ancestrais.

Em uma das entradas de seu diário datado do dia 13 de maio de 1955, Carolina Maria cita o dia da libertação dos escravos, “Nas prisões os negros eram bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo³. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.” (JESUS, 2021. p. 35). Infelizmente essa realidade está longe de acontecer até os dias atuais e por isso o sonho de Carolina é também o nosso e isso faz com que sua obra se torne viva e atual.

Voltando a discutir a questão dos livros didáticos, para Ubiraci Santos,

as Leis 10.639/03 e 11.645/08 são simbolicamente uma correção do estado pelo débito histórico para a população negra e indígena. Neste contexto, a publicação de livros didáticos pertinentes a História da África, Cultura Afro-brasileira e Indígena torna-se uma alternativa eficaz para o ensino-aprendizagem nas escolas públicas e particulares sobre o ensino das relações étnico raciais. (SANTOS, 2010. p. 01)

Entretanto, o uso apenas desta ferramenta é rasa, visto que os pontos discutidos em tais livros são breves e superficiais, fazendo o professor buscar outras ferramentas como produções fílmicas, poemas, cordéis e romances.

Todorov apresenta a seguinte afirmação: “*a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características*” (TODOROV, 2010, p.22). A literatura não fala somente do imaginário, mas também do real, pode-se encontrar narrativas ficcionais que se assemelham à vida real, ou vidas reais que imitam as ficções.

³ Aqui mantivemos a escrita da autora conforme está na obra, devido ao fato de Carolina Maria não ser semialfabetizada, algumas palavras tem a grafia errada, o que se nota no decorrer das citações.

4 QUARTO DE DESPEJO E A INFLUÊNCIA DA MULHER NEGRA

O texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural de sua produção. Ele é um modo de projeção das questões e pontos de vista que configuram esse ambiente, sintoniza-se, em alguma medida, com a percepção própria do seu tempo. A experiência literária não é exclusivamente estética, mas diz respeito a certo modo de percepção que é histórico-cultural, implica uma escolha discursivo-ideológica daquele que escreve. Em sua obra, Carolina Maria de Jesus, mulher preta, mãe solo, trabalhadora autônoma e periférica, discute não só seu cotidiano, mas as mazelas de uma sociedade excludente e uma política social onde coloca os menos favorecidos à margem, como, citando a autora, “um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 2021, p. 41)

As construções sociais impõem à mulher uma posição de marginalidade, tanto no âmbito político e social, quanto no literário. Essa condição é explicada pelos discursos androcêntricos proferidos ao longo da história humana que sentenciam a mulher como algo misterioso, sensível, incapaz de criar um conteúdo de relevância. Esse enunciado poderia não ser problemático se fosse atribuído para ambos os gêneros. No entanto, não é o que acontece. Essas manifestações são utilizadas para deslegitimar o discurso exclusivamente feminino, criando o falso entendimento de que os homens têm mais competência para algumas tarefas do que as mulheres.

O poder que os homens têm sobre as mulheres acontece sutilmente, é uma construção antiga que está enraizada em nossa cultura. De modo que a desconstruir não é um processo fácil ou até mesmo compreendido por muitas pessoas. As mulheres também proferem pensamentos machistas e auxiliam na criação desse sistema patriarcal. Entretanto, esse comportamento é resultado de uma apropriação do discurso, isto é, o oprimido age como o opressor a fim de se sentir superior a outros como ele.

Ainda segundo Miranda (2011), a presença de Carolina Maria nos espaços literários causou incômodo, especialmente pela velocidade que sua obra alcançou não só o Brasil mas também outros países⁴ nos períodos entre 1961 e 1963. Levando-se em consideração que sua obra foi vista como porta-voz dos marginalizados, a sua escrita não foi considerada literária mas sim um documento do

⁴ “Quarto de Despejo – O Diário de uma Favelada” alcançou os países: Dinamarca, Holanda, Argentina, França, Alemanha, Suécia, Itália, Tchecoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Polônia, Hungria, Cuba e União Soviética.

período que foi escrito, mesmo tendo, de acordo os críticos da época, um quê de ficcional. O lugar de fala de Carolina Maria é o reconhecimento e a imposição de seu lugar na sociedade, não como um todo, mas como ela mesma.

4.1 Quem é Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus, bisneta de escravizados, nasceu em Sacramento zona rural de Minas Gerais em 1914, ainda na região cursou até a segunda série primária. Aos 16 anos mudou-se com sua mãe para Franca cidade de São Paulo morando em cortiços e casarões. Foi empregada doméstica, faxineira e vendedora de bebidas alcoólicas. Mudou-se para Canindé onde se tornou catadora de papel e teve seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice.

Mesmo com pouca instrução educacional, Carolina Maria amava ler os livros que encontrava nos lixos e em cadernos com folhas em branco escrevia seu cotidiano de mulher, trabalhadora, mãe e favelada. Denunciando uma realidade que a sociedade queria esconder. Em seu livro, a primeira anotação data de 15 de julho de 1955:

Aniversário de minha filha vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2021. p.19)

Assim, Carolina Maria começa sua obra, mostrando a miséria em que se vivia e a necessidade de sobrevivência com o pouco que se conseguia em seu meio de trabalho, que era a reciclagem, Carolina em nenhum momento esconde de onde veio e isso faz dela a percussora do que chamamos de Literatura de Periferia, pois é de lá, da periferia que saem suas palavras de desabafo, protesto e esperança de uma vida melhor para ela e seus filhos.

Sua história é a realidade de muitas outras mulheres que estão nas periferias das grandes e pequenas cidades e nas comunidades onde o acesso à educação, saúde, segurança e saneamento básico passam longe. Carolina foi um sinônimo de ser mulher preta que não se encaixava em lugar nenhum, letrada demais para estar na favela e ignorante demais para estar no centro da cidade. À frente de seu tempo, ela escreve seu cotidiano como se previsse o futuro de muitos iguais a ela.

Seus assuntos são dos mais diversos, retratos da fome, dos conflitos entre vizinhos e sua revolta pelos políticos e pela democracia falha. Mas um ponto que

sempre se repete é o preconceito e desqualificação do povo preto. Ela narra um fato acontecido em 11 de agosto de 1958 que se funde a realidade de 2023,

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 2021, p.101)

Através do sucesso de seu primeiro livro, em 1964, Carolina saiu de Canindé e foi morar em Santa, bairro de classe média na cidade de São Paulo e publicou mais algumas obras que não obtiveram o mesmo sucesso de “Quarto de Despejo”, fazendo Carolina voltar para o anonimato e pobreza da qual ela tanto almejava fugir.

4.2 Dissecando o “Diário de Uma Favelada”

No ano de 1958 o repórter Audálio Dantas vai à Canindé fazer uma reportagem sobre a favela e ali ele conhece Carolina Maria e seus diários. Ele então publica duas reportagens sobre ela e trechos de seus diários o que traz uma certa notoriedade para Carolina. Então, editado por Dantas, “Quarto de Despejo: O Diário de uma favelada” publicado em forma de romance no ano de 1960 trouxe à sociedade brasileira a realidade da favela e de seus moradores marginalizados. Publicado pela Livraria Francisco Alves, logo na semana de seu lançamento vendeu dez mil exemplares fazendo de Carolina Maria a estrela em ascensão, a “voz da favela” ultrapassando os limites da individualidade e trazendo à tona a realidade escondida dos favelados não só do Canindé, mas de todas as favelas do país.

Carolina escrevia seu cotidiano como forma de calma de sua vida corrida e sofrida, mas também denunciava a falta de responsabilidade dos políticos com a população onde vemos em um de seus escritos “Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.” (JESUS, 2021. p. 37) Aqui Carolina cita Jânio Quadros na época Governador do Estado, Ademar de Barros candidato à presidência da República e Juscelino Kubitschek então Presidente da República. Em diversos trechos a autora demonstra descontentamento a respeito da política do seu período, o que não é diferente nos dias atuais.

Para Carolina, a favela era o quintal, lugar onde jogamos o que não queremos mais, “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a

sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2021. p. 36) e a mesma ainda acrescenta “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 2021. p. 40-41) Devemos observar então o contexto histórico de sua escrita, São Paulo no final da década de 1950, um desenvolvimento de modernidade surgia na maior cidade do país e a narrativa de Carolina Maria batia de frente com essa criação pois não cabia a nova estética social a favela e ali os seus residentes.

Interessante notar que além desse tom de denúncia contra os favelados à cerca da elite paulista, os escritos de Carolina Maria eram principalmente uma denúncia dela contra seus vizinhos que a excluía e aos seus filhos, onde Carolina era vista como uma *non grata* pelos seus iguais. E o medo de estar em seus diários afligiam seus vizinhos, o que é notório na passagem de 18 de dezembro de 1958 onde em uma conversa com sua vizinha Carolina escreve:

- _ Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!
- _ Não. Quem vai ler isso, é o senhor Audalio Dantas. Que vae publica-lo.
- _ E porque é que eu estou nisto?
- _ Você está aqui, porque naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te você saiu correndo nua para a rua. [...]
- _ O que é que a senhora ganha com isto? (JESUS, 2021, p.133)

Notamos aqui então o descontento de Fernanda de ter sua vida privada exposta à desconhecidos e é essa a missão de Carolina: expor a vida cotidiana dos favelados. Em outra passagem, do dia 27 de dezembro do mesmo ano, Carolina recebe Audálio Dantas em sua casa e isso a constrange e ao mesmo tempo de forma direta, apresenta a realidade para o repórter, pois ela relata que “O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada.” (JESUS, 2021, p.137)

5 LITERATURA E HISTÓRIA NA PRÁTICA: O PROJETO EDUCACIONAL

5.1 Apresentação do Tema

A leitura é garantia de um perfeito desenvolvimento discente, não apenas da linguagem e escrita, mas com ela, da completa formação crítica do ser humano. No Ensino Médio, fase de consolidação cidadã do adolescente, a literatura pode contribuir de forma decisiva para a formação de uma consciência crítica tão necessária nos dias de hoje. A partir de uma prática de leitura sistemática, abrangente e mais complexa, a riqueza polissêmica da literatura facilita ao leitor a experiência de um exercício de liberdade, por meio de uma leitura crítica e conceitual, de uma obra que nos tras à reflexão a respeito do mundo que nos cerca. O acesso à literatura e forma pública em Itabela estão restritas às bibliotecas das unidades escolares as quais tem um rico acesso a obras nacionais e internacionais de grande importância e relevância social e ao consumo pessoal através de compra para acervos pessoais.

A escolha do livro “Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada” se dá ao fato de ser uma obra clássica moderna, que traz reflexões acerca do cotidiano dos marginalizados da sociedade paulista, em especial do dia a dia de Carolina Maria, mulher preta, mãe, favelada, que luta contra a pobreza e sonha em sair da favela – o lugar que ela chama de quarto de despejo.

Nossa proposta é trazer aos adolescentes e jovens do 3º ano do Ensino Médio uma reflexão e discussão de ideias entre os colegas e perceberem-se indivíduos históricos capazes de transformar a realidade de si mesmos e dos que estão ao seu redor, também fazendo-os mais críticos e atentos as discussões atuais e relevantes à sociedade para estarem prontos para o ENEM e vestibulares que cobram desses jovens conhecimentos não apenas trazidos pelos livros didáticos e conhecimentos adquiridos através dos professores durante seu Ensino Médio.

5.2 Objetivos

OBJETIVO GERAL

Apresentar a Literatura Nacional, especialmente a Literatura Afro-Brasileira, para os adolescentes e jovens do Ensino Médio, explorando a criatividade dos mesmos, fazendo que adquiram o desejo de leitura e a produção de suas próprias

histórias tornando-os seres críticos e pensantes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incentivar a leitura promovendo os desejos da busca por si próprios de obras literárias para sua apreciação;
- Explorar a criatividade dos estudantes inserindo-os na história lida e usar suas vivências para criarem seus próprios diários;
- Compartilhar com os colegas idéias e experiências fazendo-os se aproximarem e iniciarem grupos de leitura e discussões literárias que os ajudarão nas suas trajetórias acadêmicas pós Ensino Médio.

5.3 Problematização

O livro escolhido para o projeto não é por acaso, o objetivo dessa leitura é propor aos estudantes uma reflexão sobre a vida de Carolina Maria e como ela lida com as suas necessidades: a pobreza, fome, a necessidade de sustentar e cuidar sozinha de seus três filhos, a lidar com seus vizinhos e principalmente como administrar o pouco que tem com dignidade e respeito a si mesma. Propondo aos estudantes a se colocarem no lugar da protagonista e junto com ela fazer suas próprias escolhas e o caminho a ser traçado por eles.

A comunicação através da colaboração se complementa com a comunicação um a um, com a personalização, através do diálogo da docente com cada discente e seu projeto, com a orientação e acompanhamento no seu ritmo. Podemos oferecer sequências didáticas mais personalizadas, monitorando-as, avaliando-as em tempo real, com o apoio de plataformas adaptativas, o que não era possível na educação mais massiva ou convencional. Com isso o professor conversa, orienta seus alunos de uma forma mais direta, no momento que precisam e da forma mais conveniente.

Nesta relação com o adolescente é preciso considerar uma aprendizagem significativa que envolva o respeito à sua cidadania. E neste caminhar, a construção do conhecimento pelo mesmo, predispõe de uma aprendizagem lúdica, realizada pela mediação do professor, que com o lúdico conseguirá atingir mais facilmente o universo dos jovens. Sendo assim, a sugestão de recursos didáticos mais abrangentes que cheguem até os estudantes é papel do professor e disposição da turma em aceitar as propostas que lhes são sugeridas.

5.4 Referencial Teórico

Em uma prática educativa onde a leitura deve ser incentivada desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, pelos professores(as), pois deste modo, eles estarão oferecendo estímulos para as crianças e jovens a desenvolver a capacidade de questionar o mundo e a sociedade como são. O texto literário permite, por seu caráter polissêmico e aberto, que o leitor possa ser capaz de atribuir-lhe significação, relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia, e dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. A literatura já tem naturalmente uma força transformadora, vivenciada na escola ela se torna um elemento propulsor de mudanças – de atitudes, de posturas, de gostos, e decisões de vida. Muitas obras, gêneros literários variados e autores diversificados devem presidir a seleção de obras para o espaço escolar: salas de aula, bibliotecas e salas de leituras. Aliado à diversidade e à pluralidade de textos, é preciso explicitar os critérios de indicação desses textos.

Segundo Oliveira, Nóbrega e Cavalcante (2023), o papel do professor será o de estimular o aluno a buscar o conhecimento. Portanto, as Metodologias Ativas de Ensino e Aprendizagem, com suas técnicas que permitam ações transformadoras da realidade pelos professores e alunos, poderão promover a formação de indivíduos com condições de atuação crítica, reflexiva e autônoma na sociedade. O professor seleciona os mais relevantes e elabora um roteiro orientador para os alunos no ambiente educacional. Os alunos leem, veem e fazem algumas atividades previstas e em classe o professor ajuda os alunos na ampliação do conhecimento prévio que eles trazem e adapta as atividades aos grupos e à cada aluno, sempre que possível. O papel do professor é o de ajudar na escolha e validação dos materiais mais interessantes, (impressos e digitais), roteirizar a sequência de ações prevista e mediar a interação com o grande grupo, com os pequenos grupos e com cada um dos alunos.

Salomão (1999) diz que toda experiência social e semântica só é possível de se realizar em um quadro social, quando lhe é dado sentido. A visão de interpretação nos diz que os significados de uma expressão linguística devem corresponder a condições de verdade, já a visão cognitiva de interpretação de significados contraria essa visão. A partir dessa visão cognitiva de interpretação,

observamos que uma palavra não possui somente um significado e que nem todos os significados atribuídos a uma forma encontram um referente em “universos possíveis”. Muitas palavras possuem um significado relacionado, a isso se dá o nome de polissemia.

O docente precisa adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Para serem criativos, os estudantes precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

A partir desse ponto, o docente precisa aplicar as Metodologias Ativas tendo em mente que existem alguns passos base a serem seguidos, como: ter delimitado o objeto de conhecimento; definir quais habilidades e competências de aprendizagem deverão ser desenvolvidas; definir qual a estratégia de aprendizagem ativa será aplicada; usar recursos e ferramentas que desperte o interesse dos alunos, adequar sempre ao objeto do conhecimento, as habilidades e competências; elaboração de atividade significativa e verificação de aprendizagem. O professor ao diferenciar as variadas formas de aplicação das Metodologias de Aprendizagem e suas principais características, escolhe a que atende a realidade do estudante e a execução de sua proposta.

A tomada de consciência dessa realidade possibilita ao professor apropriar-se de um caminho percorrido pela história da infância, para estar refletindo sobre a criança de hoje, não tomando toda teoria como conhecimento fechado e único, e sim, partir de uma educação em que professor e aluno crescem juntos em sua aprendizagem, tornando-a significativa e respeitando a individualidade de cada adolescente. Daí a flexibilidade inerente à forma de conduzir as atividades em determinados grupos. Desta forma, procurar compreender o universo dos discentes, é também considerar a sua bagagem cultural, as informações, os conhecimentos e as vivências que cada ser traz com ele. Precisamos compreender os aspectos do desenvolvimento e aprendizagem, percebendo qual o real papel da educação na vida do nosso aluno e qual a contribuição de práticas educativas lúdicas no seu desenvolvimento intelectual, social, moral e cognitivo. Tais práticas devem ser

planejadas e desenvolvidas de modo que os adolescentes se sintam à vontade para desenvolverem suas atividades.

No âmbito do ensino de História, “a construção de conhecimentos dos estudantes está substancialmente pautado pelas relações sociais estabelecidas em suas dinâmicas grupais. Assim, somente por meio da compreensão das relações exibidas pela comunidade escolar pode-se orientar ações ativas no sentido de modificá-las” (PRADO, 2019) As múltiplas formas de colaboração, hoje, entre pessoas próximas e conectadas, com dispositivos móveis, possibilitam a aceleração da aprendizagem individual, grupal e social, pelas múltiplas articulações, interligações, narrativas, projetos, desdobramentos, em todos os campos, atividades e situações em que nos envolvemos, discutimos, atuamos e compartilhamos. O compartilhamento gera aprendizagens e produtos muito mais rápida, barata e inovadora do que até agora.

Esse modelo metodológico apresenta um contraponto importante à postura passiva que coube aos alunos por muito tempo. Paulo Freire (1996) criticava o velho modelo de educação bancária, aquela em que o professor vê o aluno como um banco no qual deposita o conhecimento. Já as metodologias ativas propõem uma aprendizagem mais ativa e significativa para o aluno, possibilitando a reflexão e o interesse em seu próprio desenvolvimento. Isso quer dizer que os alunos ocupam o centro da transmissão de informação. De forma prática, a aprendizagem ativa é aquela que posiciona o estudante como agente da sua própria formação, tornando-o mais atuante em sala de aula.

É neste ponto que as Metodologias Ativas se apresentam. Mas de fato, o que são Metodologias Ativas? E qual a sua funcionalidade? A principal característica das Metodologias Ativas é colocar o estudante no centro do seu desenvolvimento e participante ativo no processo de aprendizagem, na opinião de Cotta *et al.* (2012, p. 788), as metodologias ativas de ensino e aprendizagem se baseiam em “estratégias de ensino fundamentadas na concepção pedagógica crítico-reflexiva”.

A aprendizagem se constrói num processo equilibrado entre três movimentos principais: **a construção individual** – em que cada aluno percorre seu caminho; **a grupal** – em que aprendemos com os semelhantes, os pares e **a orientada** - em que aprendemos com alguém mais experiente, com um especialista um professor. A aprendizagem acontece nas múltiplas buscas que cada um faz a partir dos interesses, curiosidade, necessidades. Ela vai muito além da sala de aula.

5.5 Método

Na metodologia ativa, o aluno é personagem principal e o maior responsável pelo processo de aprendizado. O objetivo desse modelo de ensino é incentivar na comunidade acadêmica o desenvolvimento e a capacidade de absorção de conteúdos de maneira autônoma e participativa. É preciso despertar no estudante a ação de aprender, conduzi-lo a um processo pelo qual se torne protagonista da aprendizagem, que desenvolva a criticidade e contribua para a sua formação integral. É neste ponto que as Metodologias Ativas se apresentam.

O uso dessas metodologias propõe desenvolver tanto cognitivo quanto sócio emocional, aliados a autonomia, proatividade, trabalho em equipe, resolução de problemas, autoestima. As metodologias ativas na educação devem se adequar aos objetos de aprendizagem. O objetivo é manter o foco no desenvolvimento da proatividade dos estudantes e permitir a exposição deles aos problemas mais complexos, para que tomem decisões e aprendam a aplicar os conceitos em sala de aula e em outras instâncias.

A aprendizagem ativa estimula redes cognitivas e sensoriais do cérebro, e isso ajuda no processo de armazenamento das novas informações. Ainda, a aprendizagem é mais efetiva quando as crianças participam. Tomemos como exemplo os estímulos empíricos iniciais da infância. Portanto, ela conta com abordagens que focam no desenvolvimento das habilidades que exigem pensamento crítico e criativo. As atividades tendem a explorar os conceitos aprendidos dentro de aplicações práticas, permitindo que o aluno desenvolva estratégias próprias para o processo de aprendizagem.

5.6 Cronograma

Etapas do Projeto	Período	Proposta
1. Planejamento	06/03 à 20/03	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto para a turma; • Aquisição dos livros pelos estudantes.
2. Execução	21/03 à 21/04	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da obra; • Debates entre os discentes; • Escrita dos diários; • Produção fotográfica.
3. Avaliação	24/04 e 25/04	<ul style="list-style-type: none"> • Debate final;

		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e entrega dos diários; • Exposição fotográfica.
--	--	---

5.7 Recursos

Para a execução do projeto será necessária a aquisição pelos estudantes do livro “Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada” da autora Carolina Maria de Jesus. Além do livro, os discentes usarão cadernos, canetas, dispositivos *smartphones*, impressoras e papéis fotográficos.

5.8 Avaliação

A leitura do livro ocorrerá pelos estudantes no período de 30 dias com metas estabelecidas a cada dois dias tendo uma breve discussão durante a aula de História acerca dos capítulos lidos. Durante o processo de leitura do livro, os estudantes produzirão seus próprios diários relatando seu cotidiano assim como a autora, fazendo também o uso dos celulares para fotografar o que eles considerarem importante ser registrado. A culminância do projeto será dividida em dois dias: no primeiro momento faremos um debate final com as colocações dos discentes a respeito da obra e relacionando com seus próprios diários, fazendo-os perceber as semelhanças e diferenças de suas vivências e no segundo momento faremos uma exposição das fotografias impressas e expostas em sala ou, caso seja permitido, nos corredores da unidade escolar.

5.9 Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário De Uma Favelada – Edição Comemorativa (1960 - 2020)**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2021.

MORAN, José. **Metodologias ativas: Para uma aprendizagem mais profunda**. Disponível em: https://ifce.edu.br/tabuleirodonorte/campus_tabuleiro/coordenacao-de-pesquisa-e-extensao/grupos-de-pesquisa/metodologias-ativas-e-ensino-de-linguas-matel/sugestoes-de-leitura/metodologias-ativas-para-uma-aprendizagem-mais-profunda-jose-moran.pdf/view. Acesso em 02 mai. 2023.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval; NÓBREGA, Luciano; CAVALCANTE, Marcele Alves Dos Santos. **O uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem na formação do Professor: Das Universidades Para a Prática nas escolas**. Revista Educação Publica, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, 7 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/8/o-uso-das-metodologias-ativas-de-aprendizagem-na-formacao-do-professor-das-universidades-para-a-pratica-nas-escolas>. Acesso em 27 jun. 2023.

PRADO, Gustavo Ferreira. **Metodologias ativas no ensino de ciências: um estudo das relações sociais e psicológicas que influenciam a aprendizagem**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182204>. Acesso em 02 mai. 2023.

SALOMÃO, Margarida. **A perspectiva sócio – cognitiva para análise da linguagem**. Veredas VI. Juiz de Fora, 1998.

SILVA, Rosimary Batista Da. *et al.* **Metodologias ativas de aprendizagem: construção do conhecimento**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68868>. Acesso em: 02 mai. 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a Literatura para a História é um processo delicado onde não pode se perder o foco do objeto a ser estudado e sobretudo a proposta dele. “Quarto de Despejo: O Diário de uma Favelada” está longe de ser apenas uma literatura apenas de entretenimento, ela traz uma bagagem política, social e cultural que está além de nossas perspectivas. Ela nos traz reflexões do ontem, hoje e amanhã, pois é no processo de compreensão do outro que nos vemos e nos incluímos nessa história e nesse processo.

Essa obra escrita em meados dos anos 1950 está mais viva do que nunca nos dias atuais, pois há milhões Carolinas Marias não somente no Brasil, mas em todo o mundo, onde se luta por uma vida melhor e um futuro digno e respeitável à elas e aos seus iguais.

O principal objetivo desse trabalho é propor um estudo sobre a relação literatura e história como fonte de conhecimento para os jovens que formarão e já estão formando nossa sociedade atual. Transformando-os em pessoas críticas e responsáveis por suas escolhas, sendo sujeitos históricos produtores de novas fontes e novas realidades. Buscando produzir um futuro onde os marginalizados descritos por Carolina Maria sejam vistos pelos políticos que ela, e nós tanto criticamos e trazendo-os da marginalidade tornando-os partes importantes de nossa sociedade e História.

7 REFERÊNCIAS

7.1 Fonte

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário De Uma Favelada – Edição Comemorativa (1960 - 2020)**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2021.

7.2 Referencial Teórico

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”**: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, jan-jun. 2008, p. 5-20.

BATISTA, Luiza Helena Candida da Silva; CARVALHO, Simone Aparecida de. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. Alegre - ES: FFCL, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CAIMI, Flávia Eloisa. **O Que Precisa Saber Um Professor De História**. *História & Ensino: Londrina*, v. 21, n2, p. 105-124, jul./dez.2015.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Dimensão dos aportes africanos no Brasil**. Salvador-BA: UFBA, 2006.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise, Entre Ciência e Ficção**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira, 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 45.

FLOR, Cauê Gomes. **O Conceito de Diáspora Africana Como Argumento para descentralizar a Identidade Negra**. *In: Revista Ambivalências*, Sergipe, v. 5, n. 9, p. 148-171, jan./jun. 2017.

GANDIN, Hellen Boton. PORTO, Ana Paula. **Entre Épocas e Culturas: Literatura de autoria Feminina como Espaço de Empoderamento e Resistência em Textos de Paulina Chiziane, Patrícia Melo e Bell Hooks**. *In: Revista Literatura em debate*, v. 16, n. 28, p. 66-82, jul/dez. 2021.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **O Campo Literário Afro-brasileiro e as Recepções de Carolina Maria de Jesus**. *In: Estação Literária*, Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 15-24, dez. 2011.

MORTARI, Claudia. **Introdução aos estudos africanos e da diáspora**. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015.

OLIVEIRA, Bruna Karine de. SANTOS, Nadla Farias. SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Educação e Invisibilidade Social na Obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus**. In: *Todas as letras*, São Paulo, v 18, n. 3, p. 41-52, set./dez. 2016.

ROCHA, João Pedro Pereira. **A Literatura como Possibilidade para pensar a Micro-História nas Aulas de História**. In: *Revista Eletrônica Discente História.com*, Cachoeira, v. 6, n. 11, p. 108-123, 2019.

SANTOS, Ana Lúcia dos. TIMBANE, Alexandre Antônio. **A Literatura Afro-brasileira em sala de aula: Caminhos para o Incentivo da Leitura e da História e da Cultura**. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v.18, n. 2, p. 471-494, mai./ago. 2022.

SANTOS. Ubiraci Gonçalves. **Livros Didáticos: contribuição para aplicação no Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em instituições de ensino público e particulares**. *Revista África e Africanidades*. Ano 3. n. 10. Agosto, 2010.

SILVA, Thais Aparecida da. **A contribuição da educação física na educação das relações étnico-raciais: uma leitura de projetos escolares**. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.